

O YOGA NO SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO AO EXERCÍCIO (SOE) EM VITÓRIA: AMBIVALÊNCIAS ACERCA DOS SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS A UMA PRÁTICA CORPORAL ORIENTAL

Lígia Ribeiro e Silva Gomes¹

upanishadsribeiro@gmail.com

Felipe Quintão de Almeida¹

fqalemida@hotmail.com

Eduardo Lautaro Galak²

eduardogalak@gmail.com

¹Universidade Federal do Espírito Santo

²Universidad Nacional de La Plata/CONICET, Argentina

RESUMO

Esta pesquisa analisou os significados atribuídos ao Hatha-yoga no Serviço de Orientação ao Exercício (SOE) na cidade de Vitória, entre os anos 2016 e 2017. A amostra se deu em duas turmas e os colaboradores foram dois professores de Educação Física e os alunos/as. Toma como estratégias metodológicas: observação participante, entrevistas semiestruturadas e questionários. Os resultados mostram o yoga no SOE como híbrido e ressignificado, visto que se enquadra como uma prática da cultura global.

PALAVRAS-CHAVE

Yoga; SUS; Educação Física; Ascese.

INTRODUÇÃO

Este texto trata-se do resultado de uma tese de doutorado que objetivou analisar as significações atribuídas ao yoga ofertado pelo Serviço de Orientação ao Exercício (SOE), na cidade de Vitória/ES. O SOE surge em 1990 vinculado à Secretaria Municipal de Saúde (Semus). Atualmente se situa no cenário da atenção primária a saúde e foi adotado como inspiração para o programa Academia da Saúde. Tem como objetivo atuar na promoção da saúde, na prevenção a doenças crônicas não transmissíveis (DCNT), tendo em vista ações para gerar o aumento do nível da atividade física, a produção de modos de vida saudáveis, etc.

Esta pesquisa partiu do interesse em interpretar e analisar as significações atribuídas ao yoga no serviço público, prática ofertada por professores de educação física vinculados ao SUS. Para tanto, realizamos uma imersão a campo entre março de 2016 e setembro de 2017, em que foram investigadas duas turmas de Hatha-Yoga, uma pela manhã, composta por mulheres na faixa etária de 40 a 78 anos e outra, à noite, constituída por jovens universitários e do ensino médio. A intenção era experimentar o yoga, ouvir as falas e conferir posicionamentos, compreender os conflitos, identificar regularidades e tensões, tudo registrado em um diário. Foram acionados os dois professores (uma mulher e um homem) e 12 usuários que se dispuseram a realizar as entrevistas semiestruturadas.



Aplicamos questionários com questões abertas e fechadas para os dois grupos, que eram compostos em média por 30 alunos por turma. Além disso, há a descrição completa da inserção em campo, apresentando tensões, contradições e reflexões acerca da observação participante. Essa técnica metodológica foi importante porque os usuários que frequentavam o espaço pertenciam a frações de classes média e alta. Assim, os aspectos ligados às condições materiais de existência, ao capital cultural, social e econômico dos praticantes de yoga foram importantes, porque deles derivaram os sentidos atribuídos à produção simbólica de suas ações, e às escolhas e sentidos que atribuem às suas práticas. Tais elementos marcam o que denominamos, utilizando as palavras de Pierre Bourdieu (2007), de *habitus* ali construído.

Outro ponto de reflexão importante para a pesquisa foi compreender o Yoga do SOE enquanto um sistema simbólico e arbitrário, a luz das análises sobre as necessidades socioreligiosas dos usuários. Utilizamos para essa reflexão o referencial teórico *bourdieuano*, momento em que tratamos dos conceitos de arbitrário cultural, sistema simbólico e a constituição de um *habitus* vinculado a uma prática ascética e corporal simultaneamente (BOURDIEU, 2001, 2007a, 2007b, 2011).

REFLEXÕES

Entendemos o yoga enquanto arbitrário cultural que chega ao Ocidente carregando linguagens e códigos próprios, de difícil interpretação, em especial por se vincularem as tradições de religiões da Índia, sobretudo a crenças, rituais, deidades, enfim, a todo o sistema simbólico que impregna sua filosofia e ensinamentos. No campo de pesquisa, identificamos que o yoga surge como uma prática ascética, com fins esotéricos e místicos, negados pela cultura local. Esses aspectos divergem, em grande medida, dos referenciais das práticas corporais locais. Contudo, ao se tentar fazer as apropriações, vimos que em substituição dessas místicas ascéticas outro elemento arbitrário é colocado no lugar. Isso foi identificado nesta pesquisa a partir dos rituais católicos, que substituíram a mística oriental.

Pelas análises, isso se deve ao fato de os dois grupos investigados contarem com pessoas de vários credos. Mais que isso, tomar o espaço de uma prática corporal como uma espécie de ascese religiosa contemporânea, significa construir outro arbitrário cultural, já que o catolicismo pertence a uma parcela da população que frequenta o SOE e se legitima por ser a religião de parte dos dois grupos, mesmo que não haja consenso por parte de todos os usuários no sentido de que o yoga necessariamente deveria ser atravessado por orientação religiosa. Essa diferente visão está na origem de um *habitus* do qual decorre uma prática corporal que visa ao bem-estar e aos cuidados com a saúde, acompanhados de conselhos religiosos vinculados à divinização do corpo e da mente. Assim, surge uma prática híbrida arbitraria, que favorece uma nova concepção de prática de yoga, associada a uma ascese moderna, que serve de modelo de práticas globalizadas, ajustadas às necessidades de cada local.

Chamou-nos atenção o fato de que católicos, espíritas, ateus, umbandistas, que quase todos os usuários, buscavam esses momentos de uma prática não exatamente cristã, mas ascética, com rituais que levassem à aproximação de certa mística espiritual para os dois grupos. Isto foi destacado pelas narrativas. O lugar do sagrado nessa prática estava garantido e endossado por todos os participantes. Ali nasciam processos subjetivos de divinização do eu (corpo e mente). Esse momento era esperado e destacado como o ponto alto das aulas, mesmo que não constituísse o objetivo de todos os alunos. Chamamos de sacralização corpo ao processo pelo qual o corpo passava a representar um espaço sagrado. Pela manhã, os conselhos eram cristãos e holísticos. À noite, as orientações eram holísticas, para potencializar a prática e atingir seus benefícios. Esta ascese contemporânea se solidifica a partir de seus tutores; mas quem lhe confere autoridade são os alunos com sua audiência.

Havia um processo de descarte dos conteúdos místicos de origem oriental, erigindo a constituição de uma prática ambivalente, que serve a vários sentidos, quais sejam: religiosos, corporais, terapêuticos, gnósticos, ascéticos, conferindo ser possível, por meio da construção de um *habitus* decifrar como se



chegou a essa nova concepção de uma prática de yoga, ambivalente, sobretudo por produzir uma prática ao mesmo tempo corporal e ascética.

Identificamos, com essas análises, uma prática ascética, não vinculada unicamente ao corpo, contudo, observamos a necessidade de processos catequizadores segundo os quais o corpo, a mente e o espírito eram sacralizados, tudo numa mesma proporção, sobretudo com a objetivação de atender à demanda dos problemas inerentes aos sintomas contemporâneos, como: depressão, ansiedade, baixa autoestima, estresse, insônia, compulsão, etc. Observamos ao vivenciar uma prática ascética a que chamavam de yoga, que buscavam por relações místicas cujo propósito era “re/ligar os indivíduos ali presentes com forças místicas, a que os usuários e professores denominavam Deus, cosmo, pai criador, como o declararam Yuri, Yasmim e alguns usuários”. Vinculado a isso, observamos que a ideia de pertencimento a determinado grupo que comunga e atribui valores a este sistema simbólico se torna um fator importante para os usuários do SOE. Estas premissas, constituídas e estruturadas no espaço da pesquisa, fortaleciam uma prática corporal a que se dava o nome de yoga e que servia como modelo de hibridização próprio das sociedades globalizadas.

No grupo da manhã, mente e espírito estavam acima das objetivações, talvez porque as questões mais ligadas à saúde do corpo estivessem atreladas a outras práticas corporais oferecidas ali mesmo. Estava em jogo tornar sagrados corpo e mente, tratado por uma prática atualizada e ressignificada que atendesse aos anseios de todos. À noite, a mente e o corpo eram o lugar da ascese, o que ocorria por processos de centramento ou interiorização. O corpo aparecia como potência, visto que era enaltecido, em especial, quanto ao cultivo da saúde corporal para que fosse possível utilizar as devidas estratégias para que se obtivessem os benefícios da prática (relação intermitente entre corpo e mente e re/ligação com o cosmo); com isso, evidenciava-se a plasticidade dos exercícios (posturas/ásanas), em particular os contorcionismos que ajudavam a entender que o que ali se produzia era uma espécie de ginástica oriental.

Um *habitus* estava em curso, em função da construção de uma prática híbrida, resultante de processos corporais e místicos, visto que a intenção era que se construíssem espaços adequados para que o corpo e a mente conseguissem se blindar dos infortúnios que a sociedade de risco nos impõe. Assim, foi possível identificar a construção subjetiva de identidades místicas, aliadas a diversas crenças e credos religiosos, carregados nos usuários pela marca de suas vidas cotidianas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tomar o yoga como uma prática globalizada, que exerce a função exemplar de se adaptar às estruturas do SOE, sobretudo às propostas das PIC, visto que as objetivações e normas caminham por essas trilhas. Quando remetido a tratamentos e cuidados com a saúde, têm servido de terapia coletiva, indicado pelos mais diversos especialistas, sobretudo no que se refere aos problemas de cunho emocional; função religiosa, ou ascética, não no sentido cunhado por Ortega (2010), mas articulada a outra forma de prática ascética adaptada aos anseios dos dois grupos, e não submetida à lógica dura das práticas *fitness*.

Concluimos haver encontrado no SOE um yoga diferente do que se costumava chamar de yoga. Encontramos uma prática corporal híbrida, que inseriu em seus princípios os aspectos da cultura somática que envolve saúde, equilíbrio emocional e espiritualidade. Identificamos a busca por bem-estar, equilíbrio emocional e uma vida voltada ao (re)encontro com uma espécie de natureza perdida com o avanço da modernidade. Ainda, havia a busca pelo (re)encantamento com o mundo, das pessoas e dos aspectos místicos e espirituais que ali estavam sendo construídos. Esse processo pode ser entendido como um fenômeno global, dada a sua hibridização para seu enquadramento e aceitação, como indica Bauman (1999) a respeito das ambivalências registradas na modernidade tardia.

Sobre a noção de *habitus*, é possível afirmar que o princípio de nossas ações se ampara pela complexidade de dois estados do social, entre a história tornada corpo e a história tornada coisa. Isso reverbera na noção de que nos construímos a partir da história objetivada das coisas. No caso específico dessa pesquisa, relaciona-se aos ideais religiosos (no sentido de doutrina das diversas fés, mas também como conjunto de princípios



e rituais presentes no cotidiano da vida), e nesse sentido, as crenças encarnadas nos agentes, o que pode ser entendido como a criação de um sistema de disposições que é durável, mas passível de ser mudado. Assim, o *habitus* constituído servia como ferramenta na construção do conhecimento moldado pelo yoga, mas que, sobretudo, possibilita dar conta dos sentidos, das ações e percepções dos agentes sociais.

YOGA IN THE EXERCISE ORIENTATION SERVICE (SOE) IN VITORIA: AMBIVALENCES ABOUT THE MEANINGS ATTRIBUTED TO AN ORIENTAL BODY PRACTICE

ABSTRACT

This research analyzed the meanings attributed to Hatha-yoga in the Exercise Orientation Service (SOE) in the city of Vitória between 2016 and 2017. The sample was given in two classes and the collaborators were two Physical Education teachers and the students /at. It takes as methodological strategies: participant observation, semi-structured interviews and questionnaires. The results show yoga in SOE as hybrid and re-signified, since it fits as a practice of global culture.

KEYWORDS: *Yoga; SUS; Physical Education; Ascetic*

EL YOGA EN EL SERVICIO DE ORIENTACIÓN AL EJERCICIO (SOE) EN VICTORIA: AMBIVALENCIAS ACERCA DE LOS SIGNIFICADOS ATRIBUIDOS A UNA PRÁCTICA CORPORAL ORIENTAL

RESUMEN

Esta investigación analizó los significados atribuidos al Hatha-yoga en el Servicio de Orientación al Ejercicio (SOE) en la ciudad de Vitória, entre los años 2016 y 2017. La muestra se dio en dos grupos y los colaboradores fueron dos profesores de Educación Física y los alumnos / ellos. Toma como estrategias metodológicas: observación participante, entrevistas semiestructuradas y cuestionarios. Los resultados muestran el yoga en el SOE como híbrido y resignificado, ya que se encuadra como una práctica de la cultura global.

PALABRAS CLAVE: *Yoga; SUS; Educación Física; Ascetismo*

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BOURDIEU, P. *A reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. (Texto Fundantes de Educação).

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007b.

_____. *A distinção: Crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp, 2007a.

_____. *Meditações pascalinas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

ORTEGA, Francisco. *O Corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

